

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO SKATE SOB A PERSPECTIVA DE ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE CUIABÁ-MT

Ana Romero Carrilho Grunenvaldt (Orientadora) – anacarrilhorg@gmail.com
Erica Regiane Alves da Silva (PIBID/UFMT) – erica-regiane2011@hotmail.com
Geander Franco de Araujo (SEDUC/PIBID/UFMT) – geanderfranco@gmail.com
Pollyanne Iara de Almeida Zeni (PIBID/UFMT) – pollyzeni71@gmail.com
Thayse Beatriz Paixão Cabral (PIBID/UFMT) – thayleonyna@gmail.com
GT 1: CULTURAS ESCOLARES E LINGUAGENS

Resumo:

O Skate, assim como alguns outros esportes de ação e aventura foi aceito como modalidade nos Jogos Olímpicos de Tóquio, marcando a ascensão do esporte e atraindo a atenção de jovens para a nova modalidade olímpica. Espera-se que com a visibilidade que as Olimpíadas trarão para a modalidade, o Skate ganhe novos praticantes e que essa visibilidade traga mais investimentos para a modalidade. Dessa forma, este trabalho é fruto dos estudos, discussões e intervenções promovidas no PIBID Educação Física, vivenciados em uma escola da rede pública estadual da cidade de Cuiabá, e tem como objetivo analisar e discutir em que medida a participação do Skate nos Jogos Olímpicos impactou a percepção dos alunos dos anos finais do ensino fundamental, mais especificamente das turmas dos 8º anos do Ensino Fundamental, onde ocorrem as intervenções didático-pedagógicas. Um questionário com 5 perguntas foi aplicado aos alunos do 8º ano. As perguntas foram pensadas a partir da ideia de representação social do Skate nas olimpíadas para os alunos.

Palavras-chave: Skate. Jogos Olímpicos. Esporte. Alunos.

1 Introdução

O Skate, assim como alguns outros esportes de ação e aventura foi aceito como modalidade nos Jogos Olímpicos de Tóquio, marcando a ascensão do esporte e atraindo a atenção de jovens para a nova modalidade olímpica. A entrada do Skate no programa olímpico de Tóquio 2020 retrata uma transformação tanto para o Comitê Olímpico Internacional (COI) quanto para os fãs do Skate, esporte que até esta edição permaneceu fora do evento. Espera-se que com a visibilidade que as Olimpíadas trará para a modalidade, o Skate ganhe novos praticantes e que essa visibilidade traga mais investimentos para a modalidade.

O Brasil, país que possui grandes nomes como representantes do Skate tanto em competições nacionais quanto internacionais, fez sua estreia em Tóquio com três atletas entre as cinco melhores do mundo na modalidade *Street* feminino: Pâmela Rosa, Letícia Bufoni e Rayssa Leal, de apenas 13 anos de idade, que trouxe para o Brasil a medalha de prata. Já no masculino, os brasileiros Felipe Gustavo, Giovanni Vianna, e Kelvin Hoefler, que também conquistou a medalha de prata para o Brasil. Na modalidade *Park*, o Brasil competiu com atletas

já muito conhecidos e consagrados dentro do esporte, como Pedro Barros, que somou ao quadro de medalhas mais uma medalha de prata, Pedro Quintas e Luiz Francisco, que apesar de não conquistarem medalhas chegaram à final, feito que tornou a modalidade a única a ter três brasileiros finalistas, além das finalistas no feminino, Dora Varella e Yndiara Asp, e a adolescente Isadora Pacheco.

Apesar da confirmação para os Jogos Olímpicos de 2024 em Paris, o futuro do esporte como modalidade olímpica ainda é incerto, mas é fato que a participação desses jovens atletas brasileiros e a conquista das medalhas trouxe para o país uma grande sensação de orgulho, não apenas por ser a modalidade que mais conquistou medalhas (ao lado do boxe), mas também pela performance apresentada pelos atletas do país, além de ter causado um grande impacto na vida de jovens aspirantes e admiradores da prática.

Embora a prática do Skate seja uma grande favorecida na aquisição de domínios motores essenciais, como é o caso do equilíbrio e da força, até o presente momento, há poucos estudos sobre intervenções com a prática esportiva do Skate nas escolas.

Neste sentimento de otimismo pelo avanço cultural do esporte no que tange ao maior envolvimento e visibilidade midiática das práticas multiculturais (NEIRA, 2016), a Educação Física na escola pode ser palco para acessar os saberes e vivências que o Skate e as demais práticas corporais de aventura proporcionam. Chiés e Vendrúscolo (2005) identificaram em seu estudo que o Skate é uma prática de interesse aos alunos, desta forma, podendo ser utilizada como uma ferramenta de engajamento e estímulo para alunos nas aulas de Educação Física. Este trabalho é fruto das interlocuções promovidas no PIBID Educação Física vivenciados em uma escola da rede pública estadual da cidade de Cuiabá, e tem como objetivo analisar e discutir em que medida a participação do Skate nos Jogos Olímpicos impactou a percepção dos alunos dos anos finais do ensino fundamental, mais especificamente das turmas dos 8º anos do Ensino Fundamental, onde ocorrem as intervenções didático-pedagógicas.

2 A prática do Skate

O Skate é um esporte realizado em uma prancha de madeira com pequenas rodinhas. Podendo ser considerado um esporte divertido para quem manja com as manobras radicais, sendo executadas com baixo e alto grau de dificuldade, e encantador aos olhos de quem assiste. O esporte consiste em deslizar sobre o solo e obstáculos, vencendo os medos e desafios. E devido ao seu aspecto criativo, o Skate é considerado um esporte drástico, sendo um dos mais

conhecidos hoje. Atualmente, existem modalidades para a prática do Skate, como por exemplo o Freestyle com manobras feitas em sequência, no chão. O Downhill são as descidas de ladeiras na maior velocidade possível. O Downhill Slide, sendo as descidas de ladeiras em alta velocidade realizando manobras de derrapagem, a vertical que é praticada em pista, podendo ser subdividida em outras modalidades, entre outras.

A prática do Skate começou a ganhar espaço através de surfistas na década de 1970, que buscavam continuar a prática mesmo durante os dias que não tinham ondas. Esses praticantes buscavam sensações iguais às do surf, alinhados em controlar o equilíbrio em cima de uma prancha, garantindo o prazer e liberdade no decorrer da prática. Filho (2000), relata em seu livro “A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil” que o Skate foi trazido para o nosso país por surfistas cariocas que no final do século XIX descobriram a prática em um anúncio de uma revista americana chamada “Surfer”.

No Brasil, sua introdução se deu durante a época da Ditadura Militar, no Rio de Janeiro, mas foi apenas no fim da década de 70 que se iniciou seu processo de esportivização em território brasileiro com a realização das primeiras competições amadoras e profissionais do esporte.

Em 2002, foi realizada uma pesquisa pela Datafolha que revelou ser o Skate um dos esportes mais praticados no país, com mais de 2,7 milhões de adeptos, sendo São Paulo e Paraná os estados onde o esporte é mais praticado. E em outra pesquisa realizada pela Confederação Brasileira de Skate, apontou que o número de praticantes do sexo feminino aumentou de 10% em 2009 para 19% em 2015.

3 O preconceito

A invasão das práticas esportivas de aventura na cidade, como o Skate e entre outras expressões corporais, tem uma grande influência nos adolescentes e jovens do mundo todo, e o Brasil não está isento a isso. É comum encontrarmos pelas ruas adolescentes andando de Skate em alta velocidade e até mesmo fazendo manobras, tendo, às vezes, suas próprias vestimentas (roupas largas, bonés virados para trás, etc.) que nos fazem identificá-los facilmente. Mas para algumas pessoas esses jovens são estereotipados como grupos com práticas de uso de drogas e violência. Estes ainda não são bem aceitos diante o olhar da sociedade, pois costumam encarar os skatistas como “maus elementos, drogados, maconheiros, marginais” e entre outros adjetivos pejorativos. É difícil encontrar um skatista que nunca foi julgado ou tenha sofrido com algum tipo de preconceito, até mesmo agressão física ou verbal, recebido apelidos de mau gosto ou

sofrido bullying pelo estilo de vida que decidiu levar. E na maioria dos casos, a sociedade entende esse *lifestyle* como vandalismo, por não compreenderem o Skate como uma prática corporal ou um esporte que pode ser praticado por qualquer um, e que hoje, esse esporte chegou para quebrar esse tabu.

Outro preconceito recorrente na prática do Skate é relacionado às mulheres, principalmente devido a fragmentos de estigmas socialmente enraizados. No Brasil, o Skate feminino ainda é um espaço em construção, e Louro (2005) trouxe algumas reflexões sobre a hierarquização que é feita entre o Skate feminino e masculino no Brasil. Ela explicita que cada cultura estabelece o que é considerado normal, e os que fogem dessa posição estabelecida, são nomeados de outra forma (diferentes). A posição central, quando relacionado ao Skate, é ocupada pela identidade masculina, pois é notório ver uma quantidade maior de homens praticando Skate, o que leva a ser tomada como referência.

Segundo Figueira (2008), vários fatores vêm desfavorecendo a participação das mulheres no universo do Skate. E entre esses fatores está crer que algumas modalidades esportivas podem proporcionar a "masculinização" da mulher. Em outras palavras, a crença de que a modalidade pode causar a perda de alguns atributos que as "adéquam", entre eles, sua feminilidade.

O preconceito da sociedade diante das meninas sobre a prática desse esporte era maior. Hoje, atualmente, o preconceito infelizmente ainda existe. Mas, vem sobrevivendo e quebrando um pouco desses conceitos. Quando se trata de apenas uma moça skatista ela é criticada, é vista como "maloqueira" entre outros, mas, quando se trata de uma skatista que com a sua história de vida, conseguiu conquistar seu sonho e tem sua própria empresa, a sociedade se cala, fica sem argumentos.

4 Metodologia

Este trabalho é fruto dos estudos, discussões e intervenções promovidas no PIBID Educação Física. O interesse no estudo da temática Skate surgiu após a necessidade de aprofundarmos na perspectiva da representação social dessa prática corporal de aventura para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Esta pesquisa caracteriza-se como direta descritiva com o objetivo de "registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los, procurando descobrir com precisão a frequência em que um fenômeno ocorre e sua relação com alguns fatores (MATTOS, 2017, p 39)".

O universo da pesquisa configurou-se em uma escola estadual da rede pública na cidade de Cuiabá. Esta escola oferta somente os anos finais do Ensino Fundamental, a partir do 6º ano

até 9º ano. As turmas que o PIBID Educação Física desenvolve suas intervenções são um 6º ano e nove turmas de 8º anos.

A pesquisa tomou como instrumento de investigação:

Os estudos e leituras sobre a temática das práticas corporais de aventura no contexto escolar, neste contexto, configurando como revisão de literatura as questões socioculturais que envolvem a prática do Skate.

Um questionário com 5 perguntas foi aplicado aos alunos do 8º ano. As perguntas foram pensadas a partir da ideia de representação social do Skate nas olimpíadas para os alunos. As questões levantadas com perguntas abertas tinham como objetivo compreender o quanto os alunos foram envolvidos pelas notícias e conhecimentos sobre o Skate e como visualizam os fatores sociais e questões de gêneros na prática do Skate.

Desse modo, a partir das leituras e estudos prévios apresentamos algumas discussões com base nas respostas manifestas pelos alunos nos questionários.

O total de alunos entrevistados foi 37. A escola está no formato de aulas híbridas, o que configurou três grupos de alunos por cada turma, o grupo A, grupo B e os alunos que permaneceram em casa, apenas com as apostilas e livros acompanhados de roteiros de estudos encaminhados pelos professores de todos os componentes curriculares. Os questionários foram entregues para os alunos e a coleta aconteceu da seguinte maneira: os alunos receberam em sala o questionário impresso e foram pedidos para responder honestamente e assim que terminassem deviam entregar ao professor que o aplicou.

As 5 questões abordadas foram as seguintes:

1. Você assistiu alguma transmissão do dos Jogos Olímpicos de Tóquio no Japão? Se sim, o que mais lhe chamou a atenção ou você gostou de ver?
2. Já soube que o Skate, agora, faz parte dos Jogos Olímpicos? Assistiu alguma transmissão da competição do Skate?
3. Qual a importância de termos mulheres/meninas como Rayssa Leal (medalha de prata) nas olimpíadas? Você acredita que as olimpíadas trouxeram um novo olhar para o Skate feminino?
4. Você pratica, já praticou ou conhece alguém que pratica a modalidade de Skate?
5. Em relação às meninas praticarem Skate no Brasil, o que você acha? Há falta de incentivo/apoio para as meninas nessa modalidade?

5 Resultados

5.1 Perfil dos alunos

Do total de 37 alunos, 9 eram do sexo masculino e 26 do sexo feminino, os outros 2 alunos não se identificaram. Entre o número total, 8 alunos eram do 8ºK, 5 do 8ºJ, 9 do 8ºG, 7 do 8ºH e 5 do 8ºI, e outros 2 alunos não identificaram suas respectivas turmas.

Para que consigamos chegar a uma resposta ao nosso questionamento central, apresentaremos uma análise mais descritiva. E para manter suas identidades preservadas, serão identificados, a partir desse momento, pelas abreviaturas de sua turma e a numeração da ordem que foram avaliados nos questionários (alunos que não se identificaram não serão descritos no texto): G1-G9; H1-H7; I1-I5; J1-J5 e K1-K8.

Ao analisar as respostas dos alunos quanto ao envolvimento pelas notícias e conhecimentos sobre o Skate obtivemos os seguintes resultados:

No que diz respeito à primeira pergunta sobre terem assistido a transmissão dos Jogos Olímpicos de Tóquio e o que mais lhe chamou a atenção, pode-se notar que 13 alunos (35%) não assistiram aos Jogos e para 12 alunos (32,4%) o que eles mais gostaram foi a modalidade de Skate. Para J1 o que mais lhe chamou a atenção foi a modalidade de skate nos momentos das manobras. K4 disse que o que mais lhe chamou a atenção foi a Rayssa Leal fazendo as manobras.

Sobre a segunda pergunta, que se refere ao fato de que se os alunos sabiam que o Skate agora fazia parte como uma das modalidades dos Jogos olímpicos, e se eles haviam assistido alguma competição do Skate, apresentamos a seguinte análise: Dos 37 alunos que responderam o questionário, 4 alunos (10%) não sabiam que o Skate era uma modalidade dos jogos olímpicos, 8 alunos (21,6%) sabiam que o Skate era uma das modalidades dos jogos olímpicos, porém não assistiram nenhuma competição. Dos 24 alunos (64,8%) que acompanharam a transmissão da competição do skate, 11 alunos (29,7%) assistiram por causa da adolescente de 13 anos, Rayssa Leal, também conhecida como “fadinha”. H2 respondeu que gostou muito de sua apresentação.

Ao analisar as respostas dos alunos quanto a como visualizam os fatores sociais e questões de gêneros na prática do Skate obtivemos os seguintes resultados:

Para a terceira pergunta, que se refere a importância de termos meninas como Rayssa Leal nas Olimpíadas, e se as Olimpíadas trouxe um novo olhar para o skate feminino, pode-se notar que a grande representação feminina que aconteceu em Tóquio, principalmente através de atletas tão novas como a própria Rayssa, de apenas 13 anos, foi de suma importância para atrair o olhar de interesse de novas possíveis praticantes da modalidade e incentivá-las a fazerem algo que gostem, mesmo que não seja tão comum para mulheres. J1 respondeu: “Eu acho muito

importante, pois pode influenciar várias pessoas a praticar, e ver também que as mulheres estão ganhando mais espaço nos jogos olímpicos."

Em relação à quarta pergunta que os alunos responderam no questionário, referente à se os alunos praticam ou conhecem alguém que pratica a modalidade Skate, teve-se o seguinte resultado: 7 alunos (18,9%) praticam a modalidade atualmente, e 9 alunos (24,3%) dos 30 praticantes ao menos conhecem alguém que pratica a modalidade.

Por fim, na quinta e última pergunta, buscamos indagar sobre o que os alunos acham em relação às meninas praticarem Skate no Brasil e se os alunos acham que há falta de incentivo/apoio para elas nessa modalidade. Como resposta, obtivemos que grande parte dos alunos acham legal terem meninas na modalidade e que isso tem uma grande importância, apenas 1 aluno não teve opinião sobre o assunto. Em relação ao incentivo/apoio, apenas 1 aluno não acha que falta incentivo para as meninas nessa modalidade, os demais acham que falta apoio e incentivo, mas que agora com a medalha de prata da Rayssa Leal nos jogos olímpicos, as meninas terão mais apoio, como citou K1: "Eu acho legal ter meninas na modalidade. Faltava incentivo, mas agora com a Raissa Leal que incentivou muitas meninas, terá mais apoio".

Diante as respostas apresentadas pelos alunos e alunas, percebe a importância da diversificação curricular a sua relação crítica com as temáticas abordadas. Neira (2016) aponta a necessidade da abordagem pra além de um currículo tradicional para um currículo multicultural.

Com efeito, as experiências de vivenciar conteúdos como o Skate e seus impactos sociais, trazem para o espaço escolar por meio das aulas de educação física discussões e vivências que nos permitam ir além de uma abordagem técnica que enfatiza somente aspectos técnicos/táticos, contudo, nos permite adotar novas possibilidades de aprendizagens e saberes críticos que poderão ser produzidos, criados e recriados no ambiente escolar.

6 Considerações Finais

Após a realização dessa pesquisa, percebemos que a inserção do Skate como modalidade nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, teve impacto relativamente positivo sobre os alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma escola estadual de Cuiabá-MT, uma vez que boa parte dos alunos passaram a se interessar pela modalidade depois de assisti-la pela primeira vez nas olimpíadas realizadas no ano de 2021, tendo como principal atração para os alunos a jovem atleta Rayssa Leal.

Ainda, através do referencial teórico, pudemos concluir que apesar da grande melhora que vemos hoje em comparação com os anos anteriores, os skatistas, em destaque as mulheres,

ainda têm um longo caminho a ser percorrido na estrada para ganharem o devido reconhecimento e respeito para o esporte que praticam com tanta paixão.

Deste modo, o trabalho nos provoca a pensar novas práticas pedagógicas que problematize aspectos sociais dos jogos olímpicos em modalidades que são por vezes marginalizadas ou que são permeadas de visões distorcidas da realidade.

Referências

BRANDÃO, L. **A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

BRANDÃO, L.; HONORATO, T. **Todos juntos e misturados: a sociabilidade no espaço skatista**. In: (Org). Skate & skatistas – questões contemporâneas. Londrina: UEL, 2012a.

CHIÉS, P.V.; VENDRÚSCOLO, A. **Educação física escolar: as possibilidades de aplicação dos esportes radicais no ensino médio**. Motriz, Rio Claro, v. 11, n. 1, p. S45, jan./abr. 2005. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana, 4; Simpósio Paulista de Educação Física, 10, 2005, Rio Claro.

FIGUEIRA, M. L. M.. **Skate para meninas: Modos de se fazer ver em um esporte em construção**. 2008.

FILHO, C.A.D.C. Anos 70. In: Britto E (Org.). **A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil**. São Paulo: Parada Inglesa; 2000.

LOURO, G. GOELLNER, S. FELIPE, J. **A produção cultural do corpo. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005c. p. 28-40.

MACHADO, G. M. C. **De “carrinho” pela cidade: a prática do street Skate em São Paulo**. 2011. 268 f. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

VELOZO, E.; DAOLIO, J. **Skate como prática corporal e as relações de identidade da cultura juvenil**. Revista Iberoamericana de Educación, Madrid, n. 62, p. 217-231, 2013.

NEIRA, M. G.. **O Multiculturalismo Crítico e suas Contribuições para o Currículo da Educação Física. Temas em Educação Física escolar**. COLÉGIO PEDRO II - Revista do Departamento de Educação Física, 2016.